

## As Letras no Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente

Desde o fim do século XIX, o Rio Grande serviu às Letras de maneira brilhante no Romantismo com Caldre-Fião, Múcio Teixeira, Apolinário Porto Alegre, com a Sociedade do Partenon Literário em 18/01/1868. Em 1901 surgia a Academia Rio-Grandense de Letras sob a presidência de Olinto de Oliveira, homem de ciência e de letras. Durante várias décadas a entidade foi mudando de nome e de sócios. Em 1910 era fundada a Academia de Letras do Rio Grande do Sul; 1944 surgia a Academia Sul-rio-grandense de Letras, resultante da fusão das entidades anteriores. Em 1962 em solenidade histórica retomaram-se o nome e os ideais de 1901. Vê-se assim o ambiente agitado e insatisfeito dos homens de Letras. Importantes nomes surgiam e se filiavam aos sodalícios tais como: Moysés Vellinho, Athos Damasceno Ferreira, Mansueto Bernardi, Darci Azambuja, Ernani Fornari, Augusto Meier, Osvaldo Vergara, Fábio de Barros, Zeferino Brasil, Mario Totta e Marcelo Gama. Não menos brilhantes são os ocupantes das 40 cadeiras da ARL nos anos de 1980, 1990 e 2000.

Entre os falecidos sempre lembrados: Dante de Laytano, Otelo Rosa, Moacir Santana, Dionísio Fuertes Alvarez, Olinto Sanmartin, Lenine Nequete, Carlos de Souza Moraes, Raul Cauduro, Luiz Carlos Reverbel, Antonio da Rocha Almeida, Guilherme Schultz Filho, Tarcísio da Costa Taborda, Albino de Bem Veiga, Rúbio Brasileiro, Arthur Ferreira Filho, Edmundo Cardoso, Aparício da Silva Rillo e tantos outros não citados mas guardados no coração da memória. As Letras são a vocação da Academia em seu peregrinar pelo deserto dos egoísmos, pelas várzeas do entendimento, pelos píncaros de novos ideais, pelas devesas da vida de cada dia.

Ao assumir a Diretoria a nova equipe não se faz ilusões quanto aos tropeços, às dificuldades que vai encontrar. Se a força dos anos não é a dominante, servirão as horas de experiências vividas no peregrinar das lides literárias. A Diretoria confia na cordialidade dos sócios, no amor solidário de cada um, no idealismo que se alimenta e se nutre no trato social e na prática das *humaniores litterae*, no dito de Cícero e melhor compreendido por Virgílio, guia e condutor de nosso programa para uma Academia mais fraterna, mais literária, na Civilização do Amor.

## Ronald de Carvalho e a escrita da *Pequena história da literatura brasileira*

Carlos Alexandre Baumgarten\*

David Perkins, em *História da literatura e narração*,<sup>1</sup> aponta para o fato de a escrita das histórias da literatura, especialmente no curso do século XIX, observarem os princípios básicos da narrativa histórica, uma vez que apresentam um narrador ocupado com a descrição da *transição, através do tempo, de um estado de coisas a outro diferente* (p. 1). Embora produzida ao final da segunda década do século XX, a *Pequena história da literatura brasileira*,<sup>2</sup> de Ronald de Carvalho, segue os mesmos pressupostos, uma vez que se vale de um narrador que busca reconstituir o percurso da produção literária brasileira, considerada desde suas origens até os anos iniciais do século passado. Essa reconstituição é motivada claramente por um desejo<sup>3</sup> consciente do historiador: o de provar, ao final de seu relato, a existência, no Brasil, de uma produção literária de caráter nacional, responsável pela afirmação identitária do País.

Perkins registra, também, que as histórias narrativas da literatura tendem a selecionar os eventos que lhe dão forma a partir "de um passado muito mais vasto e amorfo do que o conhecido pelo historiador da literatura" (p. 3). Esse procedimento é adotado por

\* FURG.

<sup>1</sup> PERKINS, David. *História da literatura e narração*. Trad. de Maria Ângela Aguiar. Porto Alegre: Centro de Pesquisas Literárias do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, 1999. Série Traduções. Todas as citações do texto de Perkins pertencem a essa edição.

<sup>2</sup> CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C., 1937. Todas as citações da obra de Ronald de Carvalho pertencem a essa edição.

<sup>3</sup> Sobre a repercussão dos desejos, conscientes ou inconscientes, do historiador, quanto da escrita de uma história narrativa da literatura, ver: PERKINS, David. Op. cit.

Ronald de Carvalho, em sua *Pequena história da literatura brasileira*, cuja introdução é iniciada pela recuperação do mito da Atlântida, a partir da recuperação de seu registro em textos de inúmeros filósofos e historiadores, como Platão, Plutarco, Dionísio de Mitilene, entre outros, tudo com o propósito de explicar a própria origem da terra brasileira.

A escrita da *Pequena história da literatura brasileira* está igualmente vinculada ao problema da periodização, presente em todas as produções brasileiras no campo da historiografia literária, desde a proposta original de Gonçalves de Magalhães no "Discurso sobre a história da literatura no Brasil", publicado nas páginas da *Niterói* em 1836. Em verdade, no decorrer do século XIX, todas as tentativas de escrita de uma história da literatura brasileira não se furaram de apresentar uma proposta de periodização, como é o caso das formuladas por Santiago Nunes Ribeiro, em "Da nacionalidade da literatura brasileira", divulgada na *Minerva* Brasiliense, em 1843, e por Joaquim Norberto, em "Introdução histórica sobre a literatura brasileira", veiculada, entre os anos de 1859 e 1860, na *Revista Popular*. O mesmo se pode dizer das primeiras histórias da literatura brasileira, concebidas ainda no século XIX, como *Le Brésil Littéraire* (1863), de Ferdinand Wolf, e *História da literatura brasileira* (1888), de Sílvio Romero, e também, já agora no século XX, com a *História da literatura brasileira* (1916), de José Veríssimo. Todos esses trabalhos têm em comum, além disso, o fato de se organizarem em torno do que podemos chamar de "sentimento de nacionalidade", já que as diferentes fases de nossa literatura são definidas em função de sua maior ou menor presença. Assim, ao publicar seu trabalho, em 1919, Ronald de Carvalho não foge à regra, haja vista que concebe a nossa história literária a partir dos seguintes períodos:

1º - *Período de formação*, quando era absoluto o predomínio do pensamento português (1500-1750);

2º - *Período de transformação*, quando os poetas da escola mineira começaram a neutralizar, ainda que palidamente, os efeitos da influência lusitana (1750-1830);

3º - *Período autônomico*, quando os românticos e naturalistas trouxeram para a nossa literatura novas correntes européias (1830 em diante) (p. 51).

Na caracterização do último período, quando "a literatura torna-se nacional" (p. 52), o Autor leva em consideração não apenas o crescente afastamento em relação à literatura da antiga Metrópole, mas também a própria história do País, porquanto "somente com o romantismo, depois da Independência, é que real-

mente tivemos autonomia intelectual" (p. 50). A vinculação de nossa emancipação literária ao fato político da Independência constitui igualmente outra tradição no âmbito dos estudos de historiografia literária brasileira, desde que Ferdinand Denis, em 1826, formulou-a em seu *Resumo da história literária do Brasil*.

A questão da nacionalidade da literatura brasileira, tal como já ocorrera na obra de seus predecessores, é o eixo em torno do qual se organiza o discurso historiográfico de Ronald de Carvalho. Como se trata de uma história narrativa da literatura, a *Pequena história da literatura brasileira* possui um enredo, cujo fio condutor é a ascensão gradativa do sentimento e da identidade nacionais, que se verifica na produção de nossos escritores, quando considerada desde sua origem até os primeiros anos do século passado. Em contraposição a tal ascensão, observa-se o declínio da influência portuguesa, "predominante até os fins do século XVIII, entrou, no século XIX em franco declínio e, hoje, não existe mais senão como apagado vestígio, repontando, de raro em raro, nalguns escritores quase sem relevo" (p. 47). Mais do que isso, a questão da nacionalidade configura-se como o herói' dessa narrativa histórica e, nessa medida, o que interessa ao historiador é narrar o percurso realizado por esse herói, que é vislumbrado, inicialmente, já na poesia de Gregório de Matos, para atingir a maturidade em Gonçalves Dias, pois "foi ele, sem dúvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquele que nos integrou na própria consciência nacional, que nos deu a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, nossos cenários físicos e morais" (p. 222). Assim, ao examinar nossa produção literária, não raras vezes o critério que utiliza para situar e avaliar a contribuição de nossos autores é a presença ou a ausência do chamado caráter nacional. Ao lado de Gonçalves Dias, figuram, pela mesma razão, os nomes de José de Alencar, Taunay, Euclides da Cunha, igualmente responsáveis pela afirmação da autonomia literária brasileira.

Refletindo sobre o caráter nacional da literatura produzida no Brasil, Ronald de Carvalho não deixa de revisitar outras idéias que circularam nas páginas da historiografia e crítica literária do período romântico. Este é o caso da discussão sobre a possibilidade da existência, entre nós, de uma literatura distinta da portuguesa, apesar da língua comum. Nesse particular, o historiador registra idêntica posição àquela firmada no Romantismo, pois

<sup>1</sup> Sobre a questão do herói e do enredo, no âmbito das histórias narrativas da literatura, ver: PERKINS, David. Op. cit., p. 13-14.

o idioma falado por nós já apresenta singularidades notáveis; nossa prosódia tem acentos mais delicados que a lusitana, e há na sintaxe popular muitas particularidades interessantes. Temos, também, um extenso vocabulário, essencialmente brasileiro, cuja importância não se faz mister encarecer (p. 47).

Valendo-se de um critério cronológico na organização da *Pequena história da literatura brasileira*, procedimento buscado nas narrativas históricas, Ronald de Carvalho segue, também aqui, o modelo estabelecido por Sívio Romero, no qual busca inspiração para a escrita de uma longa introdução de cunho sociológico, de todo dissociada do restante da obra, em que focaliza essencialmente o meio físico (a natureza e os fatores mesológicos) e o meio social (o homem e a raça). Apesar de publicado três anos antes do advento da *Semana de Arte Moderna*, como já se pôde observar, o texto de Ronald de Carvalho apresenta uma série de compromentimentos com o discurso historiográfico precedente, uma vez que se vale de conceitos formulados em consonância com as teorias científicas em voga na segunda metade do século XIX, como é o caso das idéias de raça e de meio, a partir das quais busca explicar o Brasil, novamente como em Romero, como produto do meio físico e, sobretudo, da miscigenação entre o branco português, o índio e o negro. Nessa perspectiva, é exemplar a caracterização que faz do homem brasileiro:

Cruzando-se com o silvícola e o negro, o português não decaiu; longos anos a raça destemerosa, então nascida nas terras brasileiras, teve que lutar, longos dissabores sofreu, longas provações amargou. A natureza, entretanto, dotara a nova gente de excelentes predicados de resistência e de ânimo, verdadeiramente formidáveis. [...] Aqui, em poucos anos, se formou uma nacionalidade vigorosa, composta de homens robustos e inteligentes, cuja vontade de viver independente desde logo se manifestou (p. 40).

O meio físico, a origem étnica do brasileiro e a história por ele construída aparecem, então, como os fatores determinantes do surgimento de uma nova nacionalidade. Assim, ao concluir o capítulo inicial da *Pequena história da literatura brasileira*, Ronald de Carvalho fixa uma imagem do País que em muito se aproxima daquela encontrada nos críticos e historiadores do período romântico:

Em face, pois, dos fatores naturais e étnico-históricos, neste capítulo sumariamente estudados, o Brasil representa, sem dúvida, uma força nova na humanidade, e é lógico que possuía, como de fato possui, uma civilização mais ou menos definida, onde predominam, é certo,

as influências européias, mas onde já se vislumbram vários indícios de uma próxima autonomia intelectual, de que a sua literatura, já considerável e brilhante, constitui a melhor e mais decisiva prova (p. 41).

A *Pequena história da literatura brasileira*, antes de promover o estudo dos três períodos por ela estabelecidos (de formação, de transformação e autônomo), dedica algumas páginas para a reflexão sobre a poesia e as lendas populares do Brasil. No exame da poesia popular, ressalta seu caráter melancólico, justificado pela origem do próprio brasileiro, que "é naturalmente triste, porque tristes são as três raças [o português, o africano e o índio] que contribuíram para sua formação" (p. 56). Estruturado como uma narrativa histórica, o texto de Ronald de Carvalho preocupa-se, a seguir, em estabelecer a origem da literatura brasileira, que é localizada na produção de José de Anchieta, pois "ele é realmente o mais antigo vulto de nossa história intelectual" (p. 72). Estabelecido o marco original da literatura do País, ainda no século XVI, os capítulos subseqüentes buscam comprovar a gradativa e ascendente afirmação do caráter nacional da produção literária local, cujo ponto de partida é o século XVII, momento em que "o sentimento nacionalista, raro e vacilante no século anterior, revigora-se nas lutas contra os conquistadores estrangeiros" (p. 88). Na delimitação do momento inicial de nossa literatura, Ronald de Carvalho, mais uma vez, segue a orientação estabelecida por Sívio Romero, em sua *História da literatura brasileira*.

Em outros aspectos, contudo, a *Pequena história da literatura brasileira* distancia-se do modelo estabelecido pela escrita historiografia brasileira anterior. Medeiros e Albuquerque, no prefácio à quinta edição da obra de Ronald de Carvalho, é talvez o primeiro a chamar a atenção para o estilo do Autor como elemento distintivo entre a sua proposta e as de Romero e de Veríssimo, pois é ele, "entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional, o primeiro a saber escrever. O seu estilo é simples, claro, harmonioso. Diz bem o que quer dizer" (p. 13). A mesma linha de comentário é observada por Wilson Martins, em *História da inteligência brasileira*,<sup>5</sup> e por Antonio Candido, que a reconhece "acessível, agradável e bem escrita".<sup>6</sup>

<sup>5</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978. v. 6, p. 141.

<sup>6</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975. v. 1, p. 336.

Não tendo o objetivo de se contrapor às histórias literárias anteriores, a de Sílvio e a de José Veríssimo, a *Pequena história da literatura brasileira* caracteriza-se como um panorama em que a nossa literatura aparece estudada em consonância com as escolas estéticas européias sobre as quais o Autor demonstra um amplo conhecimento, fato que levou Wilson Martins a dizer que, "ao contrário de seus predecessores, que contraplacavam algumas referências às literaturas estrangeiras ao estudo dos escritores nacionais, sem que se percebam, muitas vezes, com nitidez, as relações existentes entre uma coisa e outra, Ronald de Carvalho fez da história da literatura brasileira uma história universal da literatura, vista através dos escritores do seu País".<sup>7</sup>

Nessa medida, as obras dos escritores brasileiros são analisadas a partir de um contraponto permanente com as de autores estrangeiros, movimento que determina seja a produção literária brasileira vista e entendida como expressão da literatura ocidental. Tal procedimento é, além disso, responsável pelo caráter comparatista assumido pelo texto de Ronald de Carvalho. Exemplo dessa atitude pode ser encontrado na defesa que faz de Taunay, quando afirma que

o propalado francesismo literário de Taunay não lhe é mais peculiar que o chateaubrianismo de Alencar, ou o alemanismo de Tobias Barreto. Todos nós que pensamos e escrevemos, tanto no Brasil como na América do Sul, temos sofrido, naturalmente, o influxo estrangeiro e, sobretudo, o francês, o espanhol e o italiano. (p. 262)

Ou ainda, quando estabelece a distinção entre os primeiros que entre nós falaram sobre o índio (Rocha Pitta e Durão), "que se limitaram a descrevê-lo superficialmente", e Gonçalves Dias e Alencar, "que seguiram, porém, outro rumo caminhando pela estrada aberta por Fenimore Cooper e Chateaubriand" (p. 263).

O caráter panorâmico da *Pequena história da literatura brasileira* é responsável ainda pela forma com que seus capítulos aparecem organizados, em que ganham relevo as escolas literárias em seus elementos caracterizadores e autores principais, eliminando-se o estudo daqueles menos significativos, tão presentes nas páginas das histórias da literatura brasileira precedentes. Assim, entre os poetas românticos, destacam-se apenas Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves; entre os prosadores, Macedo, Alencar, Taunay, Bernardo Guimarães, Franklin Távora e Manuel Antônio de Almeida.

A obra de Ronald de Carvalho é, nessa medida, inovadora, pois, afastando-se do caráter enciclopédico presente sobretudo na proposta de Sílvio Romero, antecipa-se a realizações posteriores,

como é o caso da *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, que, igualmente, organiza nosso percurso literário na perspectiva das grandes escolas literárias, estudando apenas os autores mais importantes, cujas obras servem de exemplo, não poucas vezes, para as nuances assumidas, em solo brasileiro, pelos movimentos literários concebidos na Europa.

Primeiro poeta, depois historiador, Ronald de Carvalho revela, talvez por essa condição, uma preferência e sensibilidade para o estudo de nossa poesia, que, ao longo da *Pequena história da literatura brasileira*, é examinada com maior minúcia que a prosa de ficção. Nesse sentido, a análise da produção poética de Gregório de Matos, dos árcades mineiros, dos românticos, dos parnasianos e dos simbolistas ocupa a maior parte de suas páginas. Mesmo a obra em verso de Machado de Assis, via de regra pouco valorizada pela crítica e historiografia literária brasileira, é objeto de estudo e elogio, pois "ainda, na poesia, na sua poesia tão injustamente julgada, tão mesquinamente compreendida, Machado de Assis é um pioneiro, um orientador de primeiro plano" (p. 291). Se, na valorização de Machado, Ronald se aproxima de Veríssimo, deste distancia-se ao dedicar o penúltimo capítulo de sua obra ao exame da estética simbolista, nem mesmo mencionada pelo historiador paraense. Fixando-se especialmente na leitura da poesia de Cruz e Sousa, relacionando-a ao movimento literário francês, o Autor da *Pequena história da literatura brasileira* integra a produção do poeta catarinense, de modo pioneiro e definitivo, ao acervo literário nacional, pois

Há em Cruz e Sousa, apesar de todas as suas insuficiências, a força de um precursor. Ele introduziu em nossas letras aquele *horror da forma concreta*, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do século XVI. E tal serviço, em verdade, não é pequeno, em um país onde a poesia flui mais da ponta dos dedos que do coração (p. 352).

O ensaio crítico e a historiografia literária desenvolvidos no País são também examinados na obra de Ronald de Carvalho, que a eles dedica dois capítulos: um, voltado para a análise dos historiadores e críticos do Romantismo; outro, contemplando aqueles cuja atividade transcorreu no curso do Realismo-Naturalismo. Entre os primeiros, destaca o trabalho realizado por Francisco Adolfo de Varnhagen, reconhecendo-o como o "precursor dos estudos históricos em nossa literatura, [pois], embora não haja nos seus trabalhos uma considerável largueza de vista, as informações preciosas de que estão cheios representam um grande capital acumulado de saber, lucidez de inteligência e bom senso" (p. 267). Comenta ainda as contribuições de Pereira da Silva, Fernandes Pinheiro e Joaquim Norberto, nas quais não percebe maior valor. Nesse particular mostra-se

<sup>7</sup> MARTINS, Wilson. Op. cit., p. 141.

injusto, sobretudo no que se refere a Joaquim Norberto, "que, com ser um dos mais fecundos escritores nacionais, não deixou senão meia dúzia de páginas aproveitáveis, (...) não se livrou, todavia, do mal da época, pois sua crítica se inspirou em um patriotismo tolo, canhestro, desarrazoado" (p. 269).

Por outro lado, o exame da crítica e historiografia de base naturalista é mais otimista, especialmente quando se refere aos integrantes da Escola de Recife, vistos como os responsáveis por "uma compreensão mais verdadeira e consciente da crítica literária, um sentimento mais claro e positivo das nossas possibilidades, uma razão mais penetrante dos nossos destinos" (p. 323). Destaca, no período, os trabalhos de Tobias Barreto, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior e, especialmente, as realizações de Sílvio Romero e José Veríssimo no campo do ensaio literário e da escrita da história literária nacional.

Este breve exame da *Pequena história da literatura brasileira*, de Ronald de Carvalho, permite algumas constatações básicas:

- o caráter comparatista assumido pelo texto, que focaliza o acervo literário brasileiro sempre na relação com as escolas literárias e a produção dos principais autores da literatura européia;
- o discurso historiográfico de Ronald de Carvalho constrói-se no diálogo permanente com as idéias concebidas pelos que o precederam na escrita da história literária brasileira, notadamente os românticos e, particularmente, Sílvio Romero;
- o texto, diferentemente das histórias literárias anteriores, tem um caráter panorâmico, aspecto responsável pelo fato de ficar restrito ao exame dos autores mais significativos de cada escola literária;
- finalmente, Ronald de Carvalho concebe sua história da literatura como uma narrativa histórica, cujas marcas principais são: a presença de um narrador que, arbitrariamente, organiza os eventos que narra; a eleição de um herói (o caráter nacional) como eixo norteador da narrativa; a elaboração de um enredo, a partir do qual definem-se a existência e a origem do herói, bem como seu percurso rumo à transformação e afirmação definitivas; o percurso do herói ocorre de forma ascensional, em oposição ao declínio da influência lusitana; o caráter partidário assumido pelo narrador, quando do exame do acervo literário brasileiro; a presença de um desejo consciente e explícito, que é o de comprovar o caráter nacional assumido pela literatura brasileira, especialmente a partir do Romantismo, embora já possa o mesmo ser vislumbrado a partir do século XVII, através da produção de Gregório de Matos.